

POR UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA AFRO-LÉSBICA

Elisabete Costa Silva ¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo central ler e analisar os contos “*I have shoes for you*” e “Farrina”, presentes no livro *Um Exu em Nova York* (2018), de Cidinha da Silva. Partimos do conceito de “geografias lésbicas”, como possibilidade de pensar a importância das espacialidades na construção de identidades lésbicas; bem como de compreender as estratégias adotadas por tais atrizes sociais, excluídas do cânone literário e da história oficial, para resistir às violências físicas e/ou simbólicas. Ao trabalharmos, também, conceitos relativos à diáspora negra e à literatura afro-brasileira, buscamos, ainda, contribuir para a reflexão acerca da reconfiguração desses espaços, dentro de uma perspectiva decolonial.

Palavras-chave: Geografias lésbicas, Literatura afro-brasileira, Decolonialidade.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XIX e a partir do ano 2000, frente ao fortalecimento do movimento negro e dos estudos gays e lésbicos, no Brasil, ampliou-se o interesse por criações literárias que representem e/ou tematizem sujeitos excluídos do cânone ocidental. Desde então, deparamo-nos cada vez mais com criações em que a voz textual se impõe como sujeito que se autorrepresenta, por intermédio de uma identidade experimentada à margem da sociedade brasileira.

É dessa perspectiva que emergem nomes como o de Cidinha da Silva, escritora negra mineira que, por meio de paisagens e abordagens múltiplas, (re)lê e (re)escreve a realidade afro-brasileira e, muito frequentemente, também, a afro-lésbica, de forma engajada e propositiva. Para a elaboração deste trabalho, propomo-nos a ler o seu mais recente livro de contos, *Um Exu em Nova York* (2018), procurando compreendê-lo à luz dos deslocamentos espaço-temporais impulsionados pela diáspora africana, bem como pelos estudos de gênero e de sexualidade.

Para fins de análise, elegemos duas, das dezenove narrativas que o compõem: “*I have shoes for you*” e “Farrina”. É esta última, no entanto, que nos possibilita pensar em uma ampliação do conceito de “geografias lésbicas”, proposto por Natália Borges Polesso (2018).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, com bolsa CAPES; eliscsk@hotmail.com.

Dessa forma, debruçamo-nos em histórias, personagens e cruzamentos que reconfiguram as espacialidades em que alteridades afro-diaspóricas e lésbicas se inserem e (re)existem: uma possível “geografia literária afro-lésbica”.

METODOLOGIA

O suporte analítico a este trabalho orienta-se por investigação qualitativa de cunho bibliográfico, envolvendo leitura e fichamento do *corpus*, de textos ensaísticos, ficcionais, históricos e teóricos. Situados prioritariamente nas intersecções entre crítica literária, estudos de gênero e sexualidade e estudos decoloniais, os aportes teóricos aqui privilegiados oferecem destaque às noções de “geografias lésbicas” (POLESSO, 2018), “decolonialidade” (BERNARDINO-COSTA, 2018) e “literatura afro-brasileira” (DUARTE, 2011).

DESENVOLVIMENTO

Antes de entendermos o conceito o de “geografias lésbicas”, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre as questões étnicorraciais que com ele conversam, neste trabalho. Na perspectiva neocolonial, a hegemonia de poder é vista não somente como desejável, mas como a única possível. Os processos de dominação política e econômica acabam, nesse sentido, por se naturalizar, se firmar na historiografia oficial dos países, mediante formas de conhecimento, categorias e conceitos que “se converteram em categorias universais para a análise de qualquer realidade, normativas que definem o dever ser de todos os povos do planeta” (LANDER, 2005, p. 14).

Diferentes recursos históricos – evangelização, civilização, modernização – têm como sustento justamente a concepção de que há um padrão superior: o do colonizador. É nesse sentido que, nos países do Ocidente, historicamente, têm-se adotado uma visão europeizada das mais diversas culturas e povos. Como consequência, as experiências e/ou produções culturais advindas dos povos negros, por exemplo, têm sido ocultadas, negadas, quando não revestidas de máscaras brancas².

Na contramão dessa perspectiva, emergem importantes discussões sobre as diásporas africanas e a construção de identidades negras na modernidade, bem como estratégias de resistência aos imaginários embranquecidos. Abrem-se, ainda, inúmeras possibilidades de

² Alusão à metáfora que dá título ao livro *Peau noire, masques blancs* (1952), de Frantz Fanon.

agenciamento na produção de valores e nas relações de poder que deles decorrem, e que estruturam o funcionamento da sociedade racista.

Uma dessas possibilidades se dá no âmbito da literatura. A ela, incorporam-se discussões contra canônicas, que reconhecem a humanidade daqueles que falam a partir do “lado mais escuro da modernidade” (Cf. MIGNOLO, 2017). Tal incorporação indica uma reviravolta epistemológica, que funciona, segundo Joaze Bernardino-Costa, teórico brasileiro dos estudos afro-diaspóricos,

como uma estratégia fundamental contra a colonialidade do conhecimento e a colonialidade do ser. Se, no âmbito da matriz do poder moderno/colonial, a desqualificação epistemológica se constitui num mecanismo de negação ontológica, o inverso também é verdadeiro, ou seja, a afirmação ontológica, por meio da geopolítica e corpo-política do conhecimento, torna-se um elemento central para a afirmação epistemológica (BERNARDINO-COSTA, 2018, p. 126).

Assim, entendemos que a literatura é, também, arena de luta. Por meio dela, deslocamentos, movimentações, revisões e reversões (contra)culturais podem se disseminar, em vários espaços e épocas, desfazendo a universalidade das nações e suas ilusões narrativas que subalternizam e excluem. Como resultado, ela gera uma teia de sujeitos que não retornam ao passado, no caso daqueles afro-identificados, para os porões dos navios negreiros: são projetados como resistência a um presente que ainda teima em querê-los aprisionados.

É nesse sentido que os textos literários da diáspora africana têm disposto representações que mobilizam memória e pertença. Aqui, de modo especial, destacamos aqueles do chamado “Atlântico negro”: “uma tradição não tradicional, um conjunto cultural irreduzivelmente moderno, excêntrico, instável e assimétrico, que não pode ser apreendido mediante a lógica maniqueísta da codificação binária” (GILROY, 2001, p. 370).

Nessa tradição, escritoras e escritores negras e negros têm evidenciado suas identidades a partir de uma série de questões, que vão muito além do fundamentalismo ideológico a que foram submetidos pela civilização ocidental. Tais questões endereçam aos processos mais delicados da escravidão e da colonização, que trazem consequências para o pensamento e para a organização social até os dias de hoje.

No Brasil, essa rearticulação recebe o nome de “Literatura afro-brasileira”:

Uma formulação mais elástica [e mais produtiva], ao abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico [...], quanto o dissimulado lugar de enunciação [...]. Um operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária (DUARTE, 2011, n. p.).

Essa formulação estaria marcada, sobretudo, pelo propósito de construir um texto afro-identificado. Além disso, transcenderia fronteiras geográficas, uma vez que conversa com as

outras margens do Atlântico negro por meio da transversalidade de temas e pontos de vista, bem como das referências às demais vozes negras da diáspora africana, aproximadas pela condição subalterna.

Por também pensarmos na produção social irrefutavelmente conectada à produção e à reformulação de espaços – geográficos, discursivos, de poder –, nos apropriamos do termo “geografia lésbica”, conceito-chave deste trabalho, que diz respeito a:

onde e como vivem, trabalham e têm lazer indivíduos que: se identificam como; reivindicam o termo; ou podem ser vistos como lésbicas; dizem respeito a como essas pessoas se encontram em determinados lugares e também como elas negociamos lugares onde: não são bem-vindas; são sujeitas a abusos; e onde elas se sentem inseguras. Sobretudo, as geografias lésbicas dizem respeito às possibilidades de encontrar, ressignificar e criar espaços onde o trânsito das lésbicas e/ou mulheres queer seja possível (POLESSO, 2018, p. 6).

O que Polesso propõe, com base na noção de “geografia literária”³, e nós aqui tentaremos ampliar, é um olhar propositivo para os espaços: um projeto que se opõe às colonialidades de ser e de saber, impostas pelo projeto moderno. Tal olhar, quando voltado para os textos literários – no nosso caso, mais especificamente, os afro-diaspóricos –, auxiliaria a construir um repertório de obras capazes de (re)pensar identidades afro-lésbicas de maneira coerente, uma vez representadas nas mais diversas espacialidades, de modo distinto ao que geralmente se propõe o cânone literário ocidental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor ilustrar essa proposta, apresentamos, a seguir, alguns trechos dos contos que compõem o nosso *corpus*. O primeiro deles, “*I have shoes for you*”, assim começa:

Ela surgiu de surpresa, como eles costumam vir ao meu mundo. [...] Perguntou com voz muito doce se eu tinha algum trocado. Sorri para ela. Entreguei as moedas. Quando olhou para meus pés, depois de agradecer, disse: *eu tenho sapatos para você* (SILVA, 2018, p. 13, grifos nossos).

À primeira vista, o leitor desavisado pode estranhar a oferta feita pela mulher que pedia trocados. O mesmo estranhamento ocorre à narradora do conto, que se questiona: “por que diabos aquela sem-teto queria me dar sapatos?” (SILVA, 2018, p. 14). Pouco a pouco, ela vai desvendando a misteriosa mulher, ao passo que revela algumas informações sobre si:

Eu ali, parada na esquina da Martin Luther King Jr. com a 29th à espera da amiga dominicana que nunca chegava na hora, maldizendo o atraso porque, naquele momento, o frio cortava e a mulher me ofereceu sapatos porque achou que eu passasse frio. E ainda aquele casaco de tantos invernos, eficiente, mas velho. Ali, no

³ Termo utilizado pelo pesquisador italiano Michel Collot para pensar “a) no espaço que a literatura produz; b) na maneira como ela o produz; e c) nas projeções dessa produção” (POLESSO, 2018, p. 6).

Harlem de classe média, ela julgou que eu era da rua, do Harlem profundo, como ela. [...] Ou, ainda, considerando meus *dreads*, um casaco fora de moda, sapatos de outono usados no inverno em diálogo com o Harlem *roots* de onde ela vinha, talvez os sapatos fossem um código ou senha para uso ou tráfico de coisas que poderiam me interessar (SILVA, 2018, p. 14-15).

A segunda informação que desperta curiosidade é o lugar onde se passa a narrativa: em uma esquina do Harlem. A partir da década de 1920, com a chamada “Renascença do Harlem”⁴, o bairro nova-iorquino passou a ser visto um dos principais locais de resistência e celebração da cultura afro-descendente, no território estadunidense.

No entanto, isso não o tornou imune ao racismo que rege o funcionamento do mundo ocidental moderno. Da intensa segregação, ocorrida principalmente ao fim do século XX⁵, surge, de um lado, o “Harlem de classe média”, massivamente ocupado por *shopping centers*, franquias, cinemas e casas de show; e, do outro, o “Harlem profundo”, emblema da marginalização e da pobreza.

O espaço geográfico mostra-se, assim, como um aspecto fundamental da história e da construção intelectual, social e cultural do mundo moderno. Para Milton Santos, influente geógrafo brasileiro:

Nas condições atuais do mundo, o espaço está chamado a desempenhar um papel determinante na escravidão ou na liberação do homem. [...] Devemos nos preparar para uma ação no sentido de [...] tentar fornecer as bases de reconstrução desse espaço, que seja realmente o espaço de toda gente, e não o espaço a serviço do capital e de alguns (SANTOS, 2004, p. 266).

Dessa forma, pensar o encontro daquelas duas mulheres leva a refletir sobre a experiência moderna enquanto continuidade do projeto de exclusão da população negra. O espaço, irregularmente triangulado pelo capitalismo, destinou a população negra ao Sul, ao “Harlem *roots*”, “à choupana sulista e ao cortiço metropolitano” (GILROY, 2001, p. 326). Por isso, a personagem-narradora, que também é negra, pressupõe que a sua cor, seus *dreads*, seu casaco fora das tendências globalizantes, denunciariam um possível não pertencimento ao “Harlem de classe média”, no qual se encontrava.

Aos poucos, o questionamento inicial se desfaz, e a narradora conclui:

Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje! Ao preparar a comida do homem, quando minha mão tocou o dendê, encontrei a resposta, a chave. Recebi os sapatos-presente para firmar o pé na estrada e fazer o caminho (SILVA, 2018, p. 16).

⁴ Movimento cultural que envolveu poetas, escritores, músicos, dançarinos etc., predominantemente negros, e empenhou-se na criação e na afirmação de uma nova cultura negra norte-americana (RISÉRIO, 2007).

⁵ Cf. PASQUINI, 2014.

A resposta, que só viria ao final do conto, pode ser antecipada, no entanto, se pensarmos o próprio título do livro: *Um Exu em Nova York*. Afinal, quem é Exu? As palavras de wanderson flor do nascimento, presentes no prólogo, nos dão uma noção:

Andarilho, mensageiro, comunicador, afeito à política. Senhor das contradições e dos caminhos, Exu anda com as palavras, anda nas palavras, anda pelas palavras, anda as palavras. Por viver (n)as palavras, como vive (n)as encruzilhadas, (n)os caminhos, Exu as tem como ferramentas para fazer mundos, encontros, memória (NASCIMENTO, 2018, p. 11).

Exu surge, pois, no conto supracitado, para oferecer os sapatos: instrumentos necessários para que a personagem-narradora possa fazer seus (des)caminhos escriturais. O senhor do corpo, do desejo e das palavras pode, enfim, ser visto em um espaço no qual, até então, não havia sido pensado. Além disso, Exu dá o tom do que vem a ser o livro, uma vez que remete a uma ancestralidade africana, afro-brasileira, e ilustra, por meio da palavra literária, em conjunção com a geografia, uma “contracultura da modernidade” (GILROY, 2001).

O segundo conto, “Farrina”, também narra o encontro de duas mulheres negras na cidade de Nova York. Dessa vez, o encontro ocorre no Brooklyn – *borough* nova-iorquino que, assim como o Harlem, viveu uma espécie de renascimento negro, por volta dos anos 1980⁶.

Assim que me viu, sorriu, meneou o corpo como quem dissesse: se você está procurando lugar para se sentar, sente-se aqui. Assenti. A ver o que aquela mulher de longos *dreads* avermelhados teria a me dizer. [...] Não pude me furtar a olhar para as marcas do tempo violento e da pobreza em seu corpo: as cáries, a falta de dentes, cortes e pequenas queimaduras ao longo dos braços, a pele ressecada, sem uso de hidratante naquele princípio de inverno (SILVA, 2018, p. 45-46).

Logo no início, aparece novamente o elemento estético negro, representado pelo uso dos *dreads*, que criam “certa irmandade mundo a fora entre pessoas negras que partilham o sentido de raízes que crescem para o alto e para fora, derramam-se pelos ombros e costas, totalmente expostos ao sol” (SILVA, 2018, p. 45). Expressão de uma memória cultural africana, os *dreads* são resgatadas e celebradas no projeto literário afro-brasileiro, num tom de afirmação e (re)existência “mundo a fora”.

A narrativa segue, e somos apresentados a Farrina. “Morava ali no Brooklyn mesmo. Perto do meu museu predileto, que estava em festa. Era primeiro sábado do mês, dia de entrada gratuita para celebrar a herança negra durante todo o dia” (SILVA, 2018, p. 46). Nesse momento, a narradora-personagem faz menção, no texto literário, a mais uma localidade não fictícia: o Museu de Artes Contemporâneas da Diáspora Africana. Tal espaço é

⁶ Cf. filme: *Brooklyn Boheme* (2011).

revelado não somente a partir de uma percepção sensorial, mas também, e principalmente, pela vivência da personagem, pelas relações que ela estabelece com aquela realidade. Ela continua:

Ela vinha de uma viagem longa. Chegara do Sul há uma semana, fugindo de mais um furacão. Eu não havia visto notícia sobre furacão algum. Ela riu o riso que diz: são tantos os furacões e vendavais no Sul que *o Norte dos EUA e o mundo só olham para nós quando precisam de notícias*. [...] Interessada, perguntei se o governo local dava alguma ajuda financeira para que os moradores se deslocassem. Muito séria, respondeu que não. Nenhuma ajuda (SILVA, 2018, p. 47, grifos nossos).

Descobrimos, assim, que Farrina, embora estivesse no Norte dos EUA, vinha do Sul – geográfico e geopolítico. Por conta da miséria causada por desastres ambientais, e da falta de assistência do governo, havia fugido para Nova York, onde se abrigava na casa de familiares. Ao trazer a temática das relações Norte-Sul, o texto de Cidinha denuncia, mais uma vez, as desigualdades sociais profundas do mundo moderno.

É chegado o momento de descobrirmos um pouco mais sobre a outra personagem:

Farrina me perguntou se eu era de NY. [...] Tentei explicar que eu era de Minas Gerais, desenhei um mapa rudimentar do Brasil e localizei a terrinha. Depois, perguntou o que eu fazia na cidade e respondi que estava ali para assistir a leitura de uma peça de minha autoria num teatro. Ela me olhou entre espantada e feliz. Congratulou-se comigo e disse, *é muito bom que a gente faça esse tipo de coisa também* (SILVA, 2018, p. 47-48, grifos nossos).

Ao revelar-se enquanto uma escritora, a narradora tematiza a própria voz autoral de Cidinha: narra sua experiência e subverte o padrão esperado. Desse modo, podemos dizer que o conto funciona como uma reação à dupla colonização que oprime mulheres negras, em uma sociedade desenvolvida sob os efeitos de ideologias branco-eurocêntricas e machistas. Além disso, a personagem Farrina, ao se alegrar pelas conquistas de sua semelhante, celebra a decolonização⁷ de corpos como o seu.

Ao passo que a narrativa vai chegando ao fim, aparecem, ainda, outras questões cruciais para pensarmos essa decolonização:

Comprei um [pastelzinho] para Farrina e voltei para nosso local de conversa. [...] Ela comentou: esse Patty é do Caribe. Eu sou de lá. Mais uma surpresa. De onde você é no caribe? De Trinidad. Oh, Trinidad e Tobago, ilha da região de Audre Lorde! Ela não conhecia. Expliquei que era uma escritora muito importante, ativista lésbica. Confesso que falei a palavra lésbica bem rápido, pois estava em dúvida se Farrina era uma dona de casa, cis, bem conservadora, ou *uma lésbica antiga que guarda tudo sobre si muito bem guardado* e quem é do meio que lia os códigos e os interprete. *Farrina era uma cebola*, isso sim (SILVA, 2018, p.49-50, grifos nossos).

⁷ Por “decolonial”, entendemos que se trata de um “horizonte político que conclui o processo incompleto da descolonização, seja dos países latino-americanos, seja dos países africanos, asiáticos e caribenhos; [...] uma confrontação direta das hierarquias raciais, de gênero, de sexualidade, religiosas, estéticas etc., que estruturam o sistema de dominação e exploração do sistema-mundo moderno/colonial” (BERNARDINO-COSTA, 2018, p. 124).

A primeira coisa a destacar, no excerto, é o pertencimento da personagem, que dá título ao conto, a uma ilha do Caribe – outra peça fundamental no Atlântico negro. A narradora, que já havia se revelado enquanto uma mulher bem instruída, logo se empolga ao descobrir a proximidade entre sua emblemática interlocutora e outra mulher negra, pela qual nutria acentuada admiração: Audre Lorde. No entanto, Farrina assume desconhecer a ativista caribenha, demarcando ainda mais os diferentes espaços ocupados por cada personagem.

Finalmente, temos a revelação da sexualidade de Farrina: trata-se de uma mulher lésbica. Embora, somente pela narrativa, não possamos afirmar o mesmo da narradora, é perceptível a sua também identificação com a causa lésbica, vide o receio de que Farrina assumisse uma postura intolerante frente ao comentário. Essa informação mostra-se importante para que abarquemos as vivências lésbicas, juntamente às questões da (re)existência negra, enquanto norteadoras de uma libertação, pelas vias do texto literário: uma possível geografia literária afro-lésbica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, entendemos que as experiências, as relações, os afetos, as lutas são sempre mediadas no/pelo entrecruzamento de espaços. Mais do que uma construção geográfica, tais espaços também são uma construção intelectual, cultural, de poder, uma vez que abrigam/encontram-se abrigados por ideais étnicorraciais, de gênero e de sexualidade. São eles que nos situam no mundo e é a partir deles que narrativas são criadas e repertórios são organizados, formulando novos discursos em torno dos nossos corpos.

No repertório aqui proposto, o das geografias literárias afro-lésbicas, incorporamos Cidinha da Silva, uma vez que a sua escritura evidencia questões relativas às dissidências sexuais e de gênero e as coloca em constante diálogo, por toda a extensão do Atlântico negro. Além disso, vemos suas personagens percorrerem os mais diversos tempos e espaços, que se entrecruzam mundo a fora – inclusive em Nova York: *exuzilham*⁸ a memória e impulsionam forças de vida e de (re)existência da população negra, das mulheres e dos sujeitos LGBTQI+.

⁸ Exuzilhar: verbo-neologismo criado por Cidinha da Silva, em 2010, que faz referência aos caminhos percorridos por Exu, suas encruzilhadas, um cronótopo capaz de fundamentar uma ética e uma estética alternativas às criadas pelo Ocidente.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 119-137, jan./abr. 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Literafro**, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: www.letras.ufmg.br. Acesso em: 03 jun. 2019.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo nas ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 8-23. Disponível em: biblioteca.clacso.edu.ar. Acesso em: 26 jul. 2019.

NASCIMENTO, wanderson flor do. Prefácio: Exuzinando a memória. In: SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. p. 9-12.

POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Criação e & Crítica**, São Paulo, n. 20, p. 3-19, 2018. Disponível em: www.revistas.usp.br. Acesso em: 03 jun. 2019.

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo: Ed. 34, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 2004.

SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

BIBLIOGRAFIA E OUTRAS FONTES

BROOKLYN Boheme. Direção de Diane Paragas e Nelson George. Nova York: Civilian Studios, 2011. Online (74 min.).

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017.

PASQUINI, Gabriel. A destruição do Harlem. **Revista Piauí**, Rio de Janeiro, ed. 34, jul. 2014. Disponível em: piaui.folha.uol.com.br. Acesso em: 26 jul. 2019.